



## **As obras de Joe Sacco: os recursos dos quadrinhos para o jornalismo<sup>1</sup>**

Nélio da Silva BARBOSA<sup>2</sup>

Profª. Dra. Daniela Soares PORTELA<sup>3</sup>

Universidade do Estado de Minas Gerais, Frutal, MG

### **RESUMO**

O trabalho analisa a construção da narrativa jornalística na perspectiva das histórias em quadrinhos. Nesse sentido, a ideia é verificar como elementos dos quadrinhos, subordinados aos métodos jornalísticos de apuração, tratamento da notícia e documentação dos fatos, constrói o discurso de Joe Sacco sobre a cobertura de guerras. Para usar o jornalismo nessa plataforma, Sacco propõe uma nova maneira de contar um fato ao narrar os acontecimentos de guerra em um meio associado ao lazer. É nesse suporte que ele propõe uma profunda reflexão sobre o fazer jornalístico convencional e a função social que o jornalista diante da desumanização que acontece em um campo de batalha. Além da pesquisa e do uso de recursos jornalísticos, Sacco vai além e utiliza elementos dos quadrinhos e das artes para potencializar seu discurso.

**PALAVRAS-CHAVE:** histórias em quadrinhos; Joe Sacco; jornalismo.

### **INTRODUÇÃO**

O que move o jornalismo é o acontecimento, a desordem, aquilo que foge do comum ou algum fato que tenha relevante significado para a sociedade. A função social do jornalista é levar ao conhecimento público essas movimentações incessantes que ocorrem cotidianamente. Para tanto, são utilizados diversos suportes para a ampla divulgação da notícia. Com o tempo, os meios tradicionais foram saturados e a discussão de temas importantes para o contexto social até acontece, mas, da mesma forma que outras notícias secundárias são veiculadas. Então, em 1994, Joe Sacco, um jornalista maltês radicado nos Estados Unidos, decide mudar esse panorama. Ele vai até o Oriente Médio, à Palestina e faz o relato do conflito ali existente por meio de uma história em quadrinhos. A partir de então, o jornalismo alcançou mais um suporte. É

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 19 a 21 de junho de 2015.

<sup>2</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), email: nelio.barbosa@globomail.com.

<sup>3</sup> Professora do Curso de Comunicação Social – com habilitação Jornalismo/Publicidade e Propaganda da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) Unidade Frutal, email: soares-portela@uol.com.br



nele que Sacco utiliza das técnicas de reportagem para romper com o fazer jornalístico tradicional.

Em uma narrativa com linguagem coloquial, potencializada pelo recurso dos desenhos, Sacco traz a proposta de reflexão sobre a atual função social do jornalista. Hoje, com o advento das novas tecnologias, o exercício da profissão tornou-se um desafio em constante mudança. Se outrora os critérios de noticiabilidade eram nítidos, hoje, eles passam por uma reformulação e são diluídos com outros critérios que visam tão somente a entreter e atender às demandas do poder financeiro e do interesse político.

A proposta de Sacco foge de dois conceitos, eventualmente atribuídos ao jornalismo: a imparcialidade e a objetividade. Ambas as características são consideradas utópicas, uma vez que ao escolher as palavras com que vai criar o discurso jornalístico, o profissional já opta por aquilo que mais se encaixa na sua interpretação do acontecimento. O jornalista aqui não é neutro e apresenta um recorte da situação por ele vivida. O que torna isso jornalístico é o testemunho, a apuração e a documentação. Neste sentido, Sacco apresenta um posicionamento político claro de intervenção na forma como a realidade atual se configura.

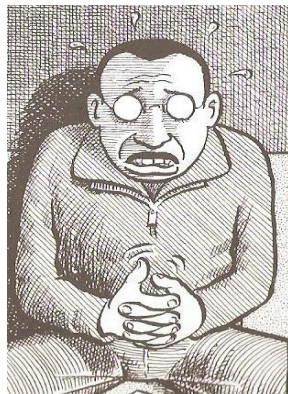
Para que o intuito do trabalho do jornalista não fique apenas na mudança do formato, Sacco coloca em destaque diversos pontos que na maioria dos casos parecem esquecidos da grande mídia, como por exemplo, a humanização do relato, adotar um posicionamento claro sobre determinado tema e denunciar a própria imprensa pelos discursos que, em muitos casos, é omissos.

## **A TRAJETÓRIA DE JOE SACCO**

Joe Sacco nasceu na ilha de Malta em 1962. Mas, a família mudou-se para Austrália. Ali ficou até completar 11 anos e a família mudar-se novamente, dessa vez para Los Angeles, nos Estados Unidos. Estudou e formou-se em jornalismo pela Universidade de Oregon. No entanto, não chegou a atuar no ramo, pois, desde criança era fascinado por quadrinhos. Desenhava para a irmã e chegou a publicar uma revista de humor com um amigo.

Mais tarde, publicou sozinho, a revista *Yahoo* (no Brasil lançada sob o título de *Derrotista* (2006)). Porém, foi movido pela inquietação dos horrores bélicos que assistia

pela televisão que Joe Sacco resolveu viajar o mundo e exercer o papel de jornalista especializado em áreas de conflito.



**Figura 1-** Joe Sacco:  
autocaricatura

Em 1991, quando ocorreu a Guerra do Golfo Pérsico, o quadrinista assistia aos noticiários de guerra como quem acompanha uma telenovela. Passando por alguns conflitos internos (entretre-se com o sofrimento alheio), produziu a HQ *Como amei a guerra* (2006, p.159-191), durante a qual, ao perguntar a um árabe se não seria cinismo de Saddam Hussein ligar a invasão do Kuwait à questão palestina, obteve como resposta: “Sim, mas ele é o único que fala a nosso respeito” (p.170). Foi um passo para a decisão de viajar ao Oriente Médio e retomar o jornalismo [...] (OLIVEIRA, 2006, p. 07).

Nos fins de 1991 e início de 1992, Sacco passou dois meses em Israel. Quando retornou, uniu as entrevistas feitas com a arte dos quadrinhos e publicou, em 1993, *Palestina: uma nação ocupada* (2004). A obra recebeu o prêmio *American Book Awards* em 1996 e foi considerada a melhor série pelos *Harvey Awards* (Oscar da comunidade dos *comics*). No Brasil, recebeu o HQ MIX de melhor *Grafic Novel* estrangeira em 2000.

Ele não parou. No fim de 1995, desembarcou em Sarajevo, na Bósnia, onde a guerra civil de desintegração da Iugoslávia atingia o país. Sobre o tema, Sacco publicou quatro obras. Em 1998, lançou a história *Natal com Karadzic* (lançado no Brasil na coletânea *Comic Book: o novo quadrinho norte-americano*, Conrad, 2005), em que relata o breve encontro com o líder sérvio-bósnio Radovan Karadzic. No mesmo ano, lançou a *Soba* (inérito no Brasil) que conta a história de um artista que nas horas vagas era soldado do exército de Sarajevo.

Dois anos depois, em 2000, publicou outra obra-prima *Área de Segurança Gorazde: a guerra na Bósnia oriental 1992-1995* (2005) (publicado no Brasil em 2001), vencedor do prêmio Eisner Awards – relato minucioso dos conflitos que encontrou no



país durante a guerra. E, em 2003, relatou como o país se organizou após os conflitos. O resultado é o quadrinho *Uma História de Sarajevo* (2003).

Por fim, em 2010, Sacco publicou uma de suas obras mais ousadas: *Notas Sobre Gaza* (2010). Nesse trabalho, ele retorna à Palestina e conta os detalhes de um conflito que ocorreu na região em novembro de 1956. Aqui, muito antes de um relato jornalístico, é uma obra histórica e imprescindível à compreensão dos conflitos ali ainda existentes.

## ALÉM DO JORNALISMO

Muito mais do que jornalista, Sacco tem a proposta de inovar desde a maneira de contar a história, com um humor impiedoso e angustiante, até o fato de que a história passa a ser narrada por uma ótica daquele que não apenas observa a realidade, mas, aquele que ouve e interage com ela. Isso é romper com as estruturas tradicionais do jornalismo e imergir na área da literatura, ou do Jornalismo Literário, como define Pena (2006):

Não se trata apenas de fugir das amarras da redação ou de exercitar a veia literária em um livro-reportagem. O conceito é muito mais amplo. Significa potencializar os recursos do Jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lead, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos (PENA, 2006, p. 13).

Mesmo assim, Sacco não abusa da espetacularização do grotesco provocado pela visão em campos de batalha. As obras são voltadas para as causas da coletividade e procuram ser um ponto de vista alternativo sobre os confrontos bélicos.

O tema das histórias em quadrinhos evoca, no imaginário leigo, atos de comunicação voltados para o entretenimento e o lazer. Afinal, desde meados dos anos 1820, quando os jornais americanos passaram a destinar espaços para os caricaturistas e cartunistas, a atividade não parou mais. Hoje, ocupa espaços nos cadernos de cultura ou ao lado de editoriais. Mas, coube a Joe Sacco a missão de aprofundar o trabalho de temáticas sociais dos quadrinhos e envolver técnicas de apuração jornalística nessa arte.

A leitura em quadrinhos é uma prática que envolve a leitura da imagem e do texto. Não se sabe a ordem ou o impacto que uma consegue provocar à outra, mas é evidente que ambas devem estar em sintonia. Para Eisner (2005), além da junção desses dois, é preciso uma boa combinação dos demais elementos gráficos para que a



mensagem dos quadrinhos seja transmitida e de fácil compreensão. Na visão do autor, a imagem subordina à escrita:

O layout da página possui efeitos de grande impacto, técnicas de desenho e cores chamativas que conseguem captar a atenção do criador. O efeito disso é que o roteirista e o artista são desviados da disciplina da construção da narrativa e absorvidos pelo esforço de apresentar o produto final. A arte, então, controla a escrita, e o produto passa a ser pouco mais do que uma literatura barata. Apesar da grande visibilidade e da atenção compelida pelo trabalho artístico, insisto em afirmar que a história é o componente crítico de uma revista em quadrinhos. Não é somente a estrutura intelectual na qual se baseia toda a arte. É mais do que qualquer outro elemento, é aquilo que faz o trabalho perdurar. Este é um grandioso desafio para um meio que sempre foi considerado coisa de criança (EISNER, 2005, p. 05).

É na contramão disso que a obra de Joe Sacco se configura inovadora. Por ter o que contar suas histórias não são subordinadas às imagens, mas resistem a essa ordem, fazendo com que o enredo subordine imagens, enquadramentos, luz e sombras à necessidade de expressão dos relatos de guerra.

A arte em quadrinhos é, de certa forma, incompleta. Isso porque ela necessita do acúmulo de experiência de seus leitores. Ao construir uma combinação de texto e imagem a sequência de um quadrinho a outro até o fim da narrativa necessita prender a atenção do leitor de maneira que ele compreenda o andamento da história. McCloud (2014) denomina de “conclusão” o momento em que o leitor decodifica a mensagem presente entre um quadrinho e outro. Para ele, “os quadros das histórias fragmentam o tempo e o espaço, oferecendo um ritmo recortado de momentos dissociados. Mas, a conclusão nos permite conectar esses momentos e concluir mentalmente uma realidade contínua e unificada.” (McCloud, 2014, p. 67).

Nas obras de Joe Sacco, é notório o forte apelo sobre as questões sociais da Bósnia durante os conflitos. Para que isso fique explícito, o jornalista procura retratar cada detalhe contado, abusando de traços e linhas que fogem das regras dos quadrinhos convencionais. Para os personagens, fica a missão de completar a informação dada pela imagem com depoimentos sobre o relato. Ora é possível perceber o relato de um jornalista, ora é possível entrar nas experiências vividas pelos entrevistados. Todas essas impressões ficam separadas pelo modo como a página é diagramada. Quando Sacco conta, ele é um agente ativo da ação realizada. Quando outro conta, é o próprio personagem que apresenta os traumas, lugares e situações.



Para potencializar o discurso jornalístico nas obras, selecionamos alguns elementos utilizados por Sacco: o uso das cores e os traços de contraste; junção imagem e texto; o apelo estético da obra e o discurso pacifista no jornalismo.

### **- O uso das cores e a iluminação na construção da mensagem**

Um das primeiras características que podem ser observadas nos quadrinhos de Joe Sacco é o uso do preto-e-branco. Diferente da maioria das histórias em quadrinhos tradicionais, em que o uso das cores é feito das formas mais intensas possíveis, Sacco utiliza tons mais claros ou escuros do preto para tecnicamente transmitir a informação para o leitor conforme a situação exigir: medo, tensão, ironia, angústia, etc. Quanto mais escuro o quadrinho, maior será a carga dramática.

É nesse sentido que McCloud (2014) explica as diferenças entre um quadrinho que se utiliza as mais variadas cores e outro que faz a opção das técnicas de contraste preto e branco. Segundo ele, ao escolher a segunda alternativa a obra torna-se mais direta e o relato é mais potencializado do que em um quadrinho colorido:

A diferença entre quadrinhos em preto e branco e em cores é profunda, afetando cada nível da experiência de leitura. Em preto e branco, as ideias por trás da arte são comunicadas de maneira mais direta. O significado transcende a forma. Em cores planas, as formas assumem mais significância. O mundo se torna um playground de forma e espaço (McCLOUD, 2014, p. 192).

Outra hipótese para a opção pelo preto e branco nas obras de Joe Sacco é o preço de cada edição. Os custos de impressão podem diminuir drasticamente facilitando ainda mais o acesso às obras. Em outro sentido, em um cenário de guerra, com destruições, bombardeios frequentes e a situação de pobreza e miséria humana, o preto e branco podem significar os verdadeiros tons que aquele cenário possui. Sem vida, sem nenhum foco que possa lembrar outro significado a não ser a guerra ou a paz.

A iluminação é outro ponto trabalhado por Sacco na obra. Com a ausência de cores que poderiam dar outro significado a objetos e expressões, ele utiliza os efeitos de iluminação para transmitir ou intensificar determinada mensagem do quadrinho. O efeito luz e sombra são defendidos por Eisner (1989), quando ele explica o uso da luz nos quadrinhos:

A ausência de luz é a escuridão. Um objeto que interrompe um fluxo de luz é escuro no lado sobre o qual a luz não incide. Todos os objetos de um grupo que se encontra sob a mesma fonte de luz terão de um lado (ou sombra) sobre o qual ela não incide. Todos os objetos num

fluxo de luz projetam uma sombra sobre tudo o que estiver atrás deles – parede, assoalho ou outros objetos. As sombras conformam-se à superfície da forma sobre a qual incidem. O emprego da luz tem um efeito emocional. A sombra evoca medo – a luz sugere segurança (EISNER, 1989, p.146).

Com isso, o efeito da iluminação é utilizado como elemento criativo de diversas situações durante a obra: contraste, criar um clima no ambiente, evidenciar as qualidades dos personagens, mover o ânimo do leitor ou provocar espanto dependendo da situação.

### **- Imagem + texto: outra mensagem nos quadrinhos de Joe Sacco?**

A arte dos quadrinhos engloba uma diversidade de itens passíveis de análise: o *timing*, o requadro, os desenhos, as falas dos personagens, cores, diagramação, etc. Nos subtítulos anteriores, a análise desse trabalho recaiu na composição como um todo dos quadrinhos de Sacco. A forma de abordagem do tema, bem como as técnicas jornalísticas aplicadas na coleta de informações nos campos de batalha foram objetos de estudo também.

Com os avanços tecnológicos, os meios de comunicação tradicionais puderam se aperfeiçoar, ao longo dos anos, a notícia que chega ao leitor/espectador/ouvinte. Como exemplos, a chegada da fotografia ao jornal impresso, a implantação de trilhas e outros sons na narrativa radiofônica e a evolução de câmeras de alta resolução para as imagens da televisão. Nos quadrinhos, a evolução pode acontecer de acordo com a aplicação das cores, novos traços, uma forma diferente de contar um fato, etc. Em resumo, as mudanças aqui podem estar diretamente ligadas com a imagem e com o texto.

Nos quadrinhos de Sacco, as imagens tentam aproximar-se o mais possível do real, quando delinea traços caricaturais das personagens. Aqui, ele se distancia dos quadrinistas tradicionais. Para Oliveira (2006, p. 07), “[...] uma característica marcante do estilo de Sacco: os rostos dos personagens, mais próximos às feições humanas do que ocorre nos quadrinhos em geral. [...] são mais um elemento que expressa o olhar e a opinião do autor sobre os entrevistados [...]”.

Outro ponto em relação aos desenhos é que todos são no estilo *grayscale*, ou seja, um nível de cinza/preto em tons reforçados para dramatizar as cenas. Nos quadrinhos das obras, há um clima melancólico e triste. Aqui, é o liame entre a imagem e o texto de Sacco, que passa a subordinar a arte, pois o discurso apresentado pelo autor



é mais denso, descritivo e carregado de um caráter pacifista em relação à guerra. Tais características só são ratificadas pela leitura do texto.

Portanto, a análise separada da imagem e texto produzem dois significados distintos para a abordagem que Sacco deu ao tratar do tema. A imagem apresenta ao leitor o quadro de terror e desespero nos campos de batalha, já o texto contextualiza e dá sentido aos desenhos. Juntos formam uma espécie de terceiro sentido: um discurso contra as atrocidades cometidas em uma guerra, independente do lado em que está, e ironiza as vidas ceifadas nas batalhas com a discussão de interesses políticos e econômicos envolvidos. Isso cumpre a função de uma profissão ligada à causas sociais, como explica Pena (2006):

Há uma cegueira ética na humanidade, cujos valores mais básicos estão sendo esquecidos ou substituídos pelos ideais da sociedade de consumo. No meio desse limbo está o Jornalismo. O que deveria ser uma profissão ligada às causas da coletividade vem se transformando, salvo raras e boas exceções, em um palco de futilidades e exploração do grotesco e da espetacularização (PENA, 2006, p. 13).

A obra de Joe Sacco é o oposto dessa prática. Ele acredita em um nicho de mercado, até então pouco explorado, para potencializar e chamar a atenção para o debate sobre mortes e crueldades de uma guerra.

### **- O apelo estético da obra**

A estética presente nas obras de Sacco possui grande carga de significado, pois, é possível notar influências de diversos movimentos artísticos, desde aqueles com origens na própria arte dos quadrinhos até os que mais influenciaram a pintura. Os traços, as sombras e as tonalidades podem remeter a estilos como *underground*, expressionista e barroco.

Os movimentos de contracultura, surgidos nos EUA nos anos 60, têm como maior expoente o quadrinho *underground* de Robert Crumb. A principal característica desse movimento é a oposição aos valores aceitos e estabelecidos. Normalmente, possuem uma abordagem de temáticas sociais como a violência e o sistema financeiro. Nesse sentido, Oliveira (2006) destaca que as obras incitam uma reflexão sobre aquilo que é transmitido pela grande mídia:

Sacco não apenas desenha o mundo a partir de suas experiências vividas como também consegue produzir imagens que permitem ao leitor não só subverter e questionar a percepção estabelecida pela



grande mídia ao conhecer histórias e fatores sociais raramente abordados por ela, [...], como também refletir a respeito da situação narrada (OLIVEIRA, 2006, p. 13).

Mas, o que mais fica evidenciado na obra de Sacco é a influência da arte expressionista. É possível fazer tal constatação uma vez que o movimento é caracterizado pela valorização dos aspectos emocionais acima dos intelectuais. As pinturas buscavam realçar uma estética da dor e do caos que por vezes se confunde com o trágico, o sombrio e o patético. Em alguns quadros, é possível notar a influência da arte de pintores como Edward Munch e Vincent Van Gogh. Para Viveiros (2009), isso reforça “o clima melancólico que retrata a tristeza e as dificuldades que as pessoas daqueles lugares de conflitos enfrentam”. (VIVEIROS, 2009, p. 05). Assim, as obras de Sacco transitam desde as características primárias da arte dos quadrinhos, perpassando pela prática jornalística, utilizando recursos da pintura expressionista para fortalecer o discurso contra a guerra.



Figura 02 - Sacco x Edward Munch

Os traços realizados por Sacco em um hospital de Gorazde, na Bósnia, se assemelham dos contornos expressionistas de Munch. Novamente, o aspecto de humanização da obra se apresentada ligado a uma proposta de expressão artística engajada.

## CONCLUSÃO

Se considerarmos a proposta de Santos (2008, p.09) de que “vivemos num mundo confuso e confusamente percebido”, há três formas de percepção da atual



conjuntura política mundial: o mundo como perversidade, o mundo como fábula e o mundo como possibilidade. Esses três itens dialogam com a obra de Sacco.

No primeiro tópico, a perversidade pode ser vista como as mazelas causadas pelas intervenções humanas. Nesse contexto, os quesitos básicos para a sobrevivência da raça humana como a saúde, a educação, a segurança e as condições de trabalho e salário tornam-se cada vez mais escassos ou inacessíveis em contraponto aos avanços científicos e tecnológicos constantemente repetidos. Quando Sacco nos apresenta um relato das crueldades cometidas em um campo de batalha, fica evidente que a corrida armamentista constitui um fator do imperativo categórico de nações hegemônicas em busca da legitimação de suas forças e expansão de seus mercados, seus modelos de vida.

A segunda proposta de Santos (ibid.) refere-se ao mundo como fábula, organizado por um discurso cínico que se abstém de relatar os fatos cruéis por uma perspectiva humanizada, reificando os atores envolvidos em conflitos bélicos, o que obviamente esconde interesses econômicos, como denuncia Sacco ao propor um “debate” entre os líderes envolvidos. Enquanto os presidentes e representantes das forças de segurança de organizações mundiais discutem estrategicamente como encerrar os conflitos sem interromper as relações comerciais, políticas e militares, a população civil de ambos os lados sofre, e a tarefa de sobreviver torna-se cada vez mais difícil.

Por fim, Santos (ibid.) numa perspectiva otimista, esclarece que nunca antes na história da humanidade tivemos tantas condições técnicas e econômicas para a construção de uma sociedade mais justa, convocando os profissionais de comunicação a empreenderem o projeto da construção de uma nova sociedade, por meio da coragem (aqui no seu sentido etimológico de “agir com o coração”) de desnudar a realidade como fábula, para, através da denuncia da grande força opressora do capital (“Os senhores da Guerra”, tão bem representados no trabalho de Sacco) legitimar uma sociedade sem violência e de respeito a todos.

Esse aspecto determina que o conteúdo da reportagem subordine sua forma de expressão ao suporte que for mais adequado para a finalidade em questão: chegar ao maior número de leitores. A forma escolhida por Sacco, histórias em quadrinhos, atinge plenamente seus objetivos, pois, chega a um nicho até então inexplorado pelo jornalismo, já que o autor se vale de um suporte considerado um meio voltado para o entretenimento. Joe Sacco de fato entretém, mas, também educa, provoca e convida o leitor a refletir sobre o tema.



Ao levar o debate para outro suporte, Sacco amplia o horizonte em que as reflexões podem chegar. Isso se configura numa ação democrática, pois disponibiliza a análise de um complexo conflito para um número maior de leitores já que agora os que acompanham o universo das narrativas gráficas também poderão perceber o que aconteceu nos campos de batalha por outras perspectivas. A cobertura sobre o fato em si já é feita por jornais, revistas, TV's e rádios. Porém, a abordagem de Sacco inovou na busca por outras perspectivas, apresentando argumentos até então não citados e utilizando-se de recursos que apenas a técnica da arte sequencial pode lhe proporcionar para contar o fato. Dessa forma, a democratização ocorre não pelo preço das obras ou pela acessibilidade, mas, pela disponibilização de um ponto de vista sobre a guerra em um novo suporte.

Qualquer crítica a essa forma de expressão, parece assim, sustentar-se numa postura aristocrática, de menosprezo a novas linguagens, (sobretudo as de maior apelo popular), postura essa, justamente que Sacco se propõe a refutar por meio do seu trabalho. Ao escolher uma perspectiva humanizada e subjetiva de retratar a guerra, Sacco rompe com as fronteiras, os limites e as diretrizes do fazer jornalístico em busca de uma maior eficiência argumentativa para a sua mensagem.

Esses limites foram rompidos na forma e também no conteúdo, para que a guerra e suas motivações fossem denunciadas em tudo o que tem de cruel e desumano. Desta forma, a desobediência aos critérios tradicionais do fazer jornalísticos é hierarquicamente rebaixada em função daquilo que Santos (ibid.) propõe como função maior dos profissionais de comunicação: o comprometimento com a criação de um mundo mais justo.

Na visão de Eco (2006, p. 46), “desde que mundo é mundo, as multidões amaram os *circenses*”. Sendo assim, as novas práticas e formas de expressão da indústria do entretenimento, consideradas “menores”, não significam, necessariamente, uma decadência dos costumes e das manifestações artísticas consideradas “maiores”. Portanto, o uso do jornalismo em quadrinhos ratifica a ação de Sacco: manusear um suporte de entreter para, ao mesmo tempo, discutir temas relevantes.

Em outro aspecto, a obra de Sacco pode ser percebida como um ponto para a desmistificação da cultura do medo americano. Após o atentado terrorista às Torres Gêmeas em de 11 de setembro de 2001, os EUA iniciaram uma caçada contra o grupo de Osama Bin Laden. A partir daí, iniciou-se uma generalização contra a comunidade muçulmana no Oriente Médio de que todo seguidor da fé islâmica é um terrorista em



potencial e assim deve ser combatido. Estes são vistos como humanoides. Na Bósnia, os muçulmanos são maioria, mas, aqui Sacco demonstra que o sofrimento do cidadão muçulmano comum é equivalente ou superior à desgraça americana após os atentados. Os homens, mulheres e crianças atingidas são tão humanos quanto aqueles que os atacam. Dessa forma, a visão marginalizada de uma cultura não ocidental é colocada de lado, uma vez que se trata de uma análise reducionista após a prática criminosa de uma facção radical do mundo islâmico.

Por fim, a obra de Sacco serve de exemplo para apontar que a prática jornalística é multifacetada e deve ser levada aos mais variados suportes. A ideia é demonstrar também que o jornalista não é um mero profissional que faz alguns recortes da realidade e os divulga, mas, um profissional que interpreta as mais variadas nuances de uma sociedade em transformação.

## **REFERÊNCIAS**

McLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos**. São Paulo: M.Books, 2014.

NATALI, João Batista. **Jornalismo Internacional**. São Paulo: Contexto, 2004.

NEGRI, Ana Camilla. Um novo gênero jornalístico: a reportagem em quadrinhos de Joe Sacco. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 24, 2003, Belo Horizonte. **Anais**. Belo Horizonte: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2003.

MELO, J. M. de. **Os caminhos cruzados da comunicação: política, economia e cultura**. São Paulo: Paulus, 2010.

\_\_\_\_\_. **Mídia e cultura popular: história, taxionomia e metodologia da folkcomunicação**. São Paulo: Paulus, 2008.

MEDINA, Cremilda. **Notícia, um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial**. São Paulo: Summus, 1988.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo, Cultrix, 1996.



LAGE, Nilson. **Linguagem jornalística**. São Paulo: Ática, 2004.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo, Perspectiva, 1998.

EISNER, Will. **Quadrinhos e a Arte Sequencial**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

\_\_\_\_\_. **Narrativas Gráficas**. São Paulo: Devir, 2005.

BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo Opinativo**. Porto Alegre: Sulina, ARI, 1980

OLIVEIRA, Ana Paula Silva. **Joe Sacco: Jornalismo Literário em quadrinhos**.  
Campinas: PUC, 2006.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

SACCO, Joe. **Área de Segurança Gorazde: A Guerra na Bósnia Oriental 1992-1995**.  
São Paulo: Conrad, 2010.

\_\_\_\_\_. **Palestina: uma nação ocupada**. São Paulo: Conrad, 2000.

\_\_\_\_\_. **Palestina: Faixa de Gaza**. São Paulo: Conrad, 2001.

\_\_\_\_\_. **Uma história de Sarajevo**. São Paulo: Conrad, 2012.

SANTAELLA, Lúcia. **Cultura do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura**.  
São Paulo: Paulus, 2003.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. São Paulo: Record, 2008.